

V Ó M I T O S

DA RÊTÓRICA NACIONAL SOBRE O CADÁVER DE SACADURA

A rêtórica nacional nem o que há de mais nobre e sacrosanto poupa e respeita. Leiam-se estas sandices miseráveis publicadas em dois dos órgãos de maior circulação:

«Sacadura Cabral, o homem que ensaiou a eternidade no vôo infinito do Atlântico, desapareceu para sempre, bateu o *record* da altura... Morreu (como é doloroso conjugar este verbo...) um herói que era uma iluminura da nossa Pátria... Choremos todos, em surdina, em confidência... Portugal não é mais do que uma saudade do nosso querido morto... Sacadura Cabral morreu... Calem-se todos... Deixem falar a nossa dôr... Cale-se tudo... Cale-se o vento, arrependido de o ter contrariado algumas vezes... Façamos calar à fôrça o mar enraivecido... Calem-se as fontes e que se oiça apenas correr o nosso pranto... Cale-se tôda a natureza, faça-se reza... Sacadura Cabral morreu... É preciso decretar, no dia dos funerais do grande herói, o luto nacional, um luto que não esteja apenas nas gravatas e nos fatos, mas que se afirme, nobre e sério, nas expressões, nas atitudes e nos gestos... Que ninguém ria, que ninguém brinque, que ninguém fale... Caiu ao mar um avião... Ficaram duas almas a voar... Com elas vai Portugal. O comandante Sacadura levou-nos ao Brasil. Agora vai levar-nos mais longe, vai levar-nos até Deus!» (*Diário de Notícias* de 21-Nov.^o-924).

«Como Carvalho de Araujo, foi Sacadura Cabral um *marinheiro luso*. A mesma arrancada lírica (!), o mesmo espírito idílico (!!), a mesma avidez do ignoto, a mesma tenacidade de acção, a mesma rudeza (!!!) de manobra, a mesma serenidade no perigo e o mesmo mistério na morte... O que espiritualiza a humanidade não é o Riso: é a Dor. Porque foi na Dor, desde a milenária nebulosa de que o mundo se desgarrou, que o mundo embebeu as suas raízes de sacrifício e de lágrimas; porque foi na dor Suprema que o mundo se redimiou. A *asa lusa* é filha da *latina morta* (!!!!) Ambas foram tocadas e lastra-

das (!!!!!), porém, pela sombra do morro vigilante de Sagres, pelas marés da Boa Esperança e do Cabo, pelo marulho da penetração da Índia (!) e pelo ciclo da Távola Redonda (!!) Em face da figura e da morte de Sacadura Cabral todo o Verbo se estanca (?!), na comoção sagrada e íntima dos lutos irreparáveis. E como a Pátria está de luto, e como de luto, por isso, estamos todos nós, não atiremos para as colunas dum jornal aquela tôrpe rêtórica que envileceria a Pátria! Não! Não prostituamos a nossa Dor!... É assim, a Raça. Foi sempre assim, a Raça, na irmanação gloriosa dos grandes e dos humildes. Ei-los, iguais no heroísmo, na majestade e na morte, um grande comandante e um segundo artilheiro!... O que nos salvou em Aljubarrota não foi o génio do comando: foi a fé no destino! Fé, que é, a um tempo, pérola e astro, vôo e rastro, espuma e glória, vida e túmulo! A fé guerreira, a fé marinheira, a nossa fé!» (*Século* de 24-Nov.^o-924).

Como vêem, estes miseráveis não teem pejo de tripudiar sobre o cadáver de Sacadura, de dançar sobre êle a dança macabra da sua prosa ôca e ridícula. Ah! tivesse eu um panfleto, e desfazer-lhes hia as caras com o látego que empunharia, desfibrando tôda essa miséria mental, revelando a monstruosa insinceridade que transluza em cada uma dessas linhas, mostrando que abismos de abjecção há nesses períodos inchados, sifilíticos, cheios de pus rêtórico, tresandando a podridão irremediável do cérebro! Não, não há o direito de cuspir assim sobre a morte gloriosa dum homem. E ainda por cima dizem que o Verbo se estanca, quando foi atacado de diarreia purulenta, e protestam contra a rêtórica quando vomitam a mais vil rêtórica com que bôcas humanas se prostituíram e cérebros humanos se desonraram. E depois de nos dizerem coisas dignas do Apocalipse em edição revista por Rosalino Cândido, querem — cúmulo supremo! — que não explodamos ao menos numa gargalhada homérica! E não satisfeitos com que as ondas tivessem afogado o corpo do desventurado mari-

nheiro, querem afogar ainda a sua alma nas ondas do seu palavreado ignóbil — a coisa mais vil e mais miserável que ainda viu a luz do dia!

Mas onde está a consciência nacional, que assiste inerte a estas infâmias, e chega a aciamar êstes tartufos? Onde pára a crítica, a razão, a justiça, o pudor, o brio, os testículos dêste povo, esmagado por esta coorte infinita de sacripantas, de escribas e de fariseus, dêste povo que aceita tudo isto sem protesto, que consente que o herói morto seja assim vilipendiado, conspurcado, escarnecido por esta literatura de prostitutas bêbedas! Pois quê! serei eu dos raros a tar o gesto do arranque, a chamar às coisas pelos seus nomes, a ser deitado às feras pelos detentores da opinião — eu, que em breve darei a impressão dum cão de fila insociável no meio da mais bela harmonia das almas celestiais...

E ainda há pobres de espírito que, muito sinceramente (o que é mais grave), lastimam a minha atitude de protesto, as minhas rebeliões, os meus combates, aquilo que me orgulha mais na existência! Quando vossês forem capazes de organizar melhor do que eu, então lhes darei o direito de

censurarem as violências da minha pena revoltada. Até lá, continuo a crêr que só assim, organizando e protestando, construindo e combatendo, cumpro integralmente o meu dever social, o meu dever de homem — que é bastante mais alto que o meu dever de especialista!

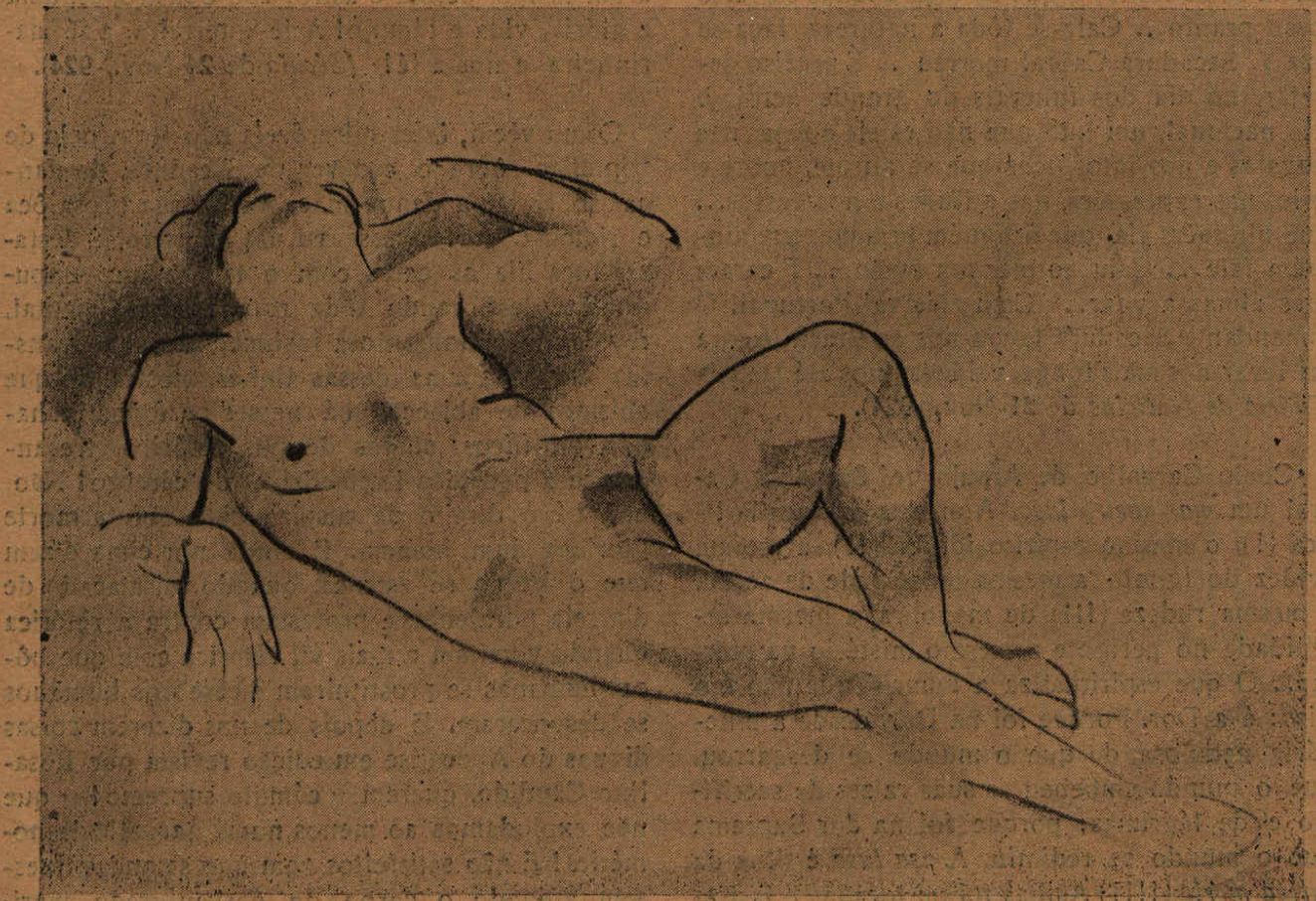
Oh senhores, pois se não há nada que me aflija mais n a sociedade portuguesa que esta ausência pavorosa de protesto, à custa da qual vive oprimido pela Finança, pela Incompetência, pela Idiotia e por tudo o mais êste povo, que é — com inteira convicção lho digo — o mais explorado que ainda viu a face da Terra. — R. P.

VIAGEM LISBOA-MACAU

Deram-nos a honra, que muito agradecemos, da sua visita, os srs. Majores Brito Pais e Sarmento de Beires, e o sr. Alferes Manuel Gouveia.

Vieram apresentar-nos os seus cumprimentos pelo nosso modestíssimo concurso para a realização da sua viagem. A *Seara Nova* não fez mais que cumprir o agradável dever de acompanhar o entusiasmo unânime e justificado de Portugal inteiro, perante o heróico feito dos três ilustres Portugueses.

EXPOSIÇÃO RICARDO BENSÂUDE



ESTUDO DE NÚ